

O UNIVERSO SEGUNDO O MODELO DOS ÍNDIOS HOPIS¹

BENJAMIN LEE WHORF

Tradução e notas: Phellipe Marcel da Silva Esteves²

ACREDITO SER UMA GRANDE TOLICE achar que um hopi³ que conhece apenas a língua hopi e as ideias culturais de sua própria sociedade compartilhe das noções de nosso povo, creditadas frequentemente como intuições de tempo e de espaço (em geral afirmadas como sendo universais). O hopi, para ser mais específico, não tem uma noção ou intuição genérica do *tempo* como um *continuum* fluido de que tudo no universo deriva numa proporção equânime, em nome de um futuro, através de um presente, prosseguindo de um passado. Essa é a noção tempo em que, para inverter a imagem, vemos o observador se afastando ininterruptamente — dentro de uma corrente responsável pela duração — do passado rumo a um futuro.

Após estudo e análise exaustivos e cuidadosos, concluímos que a língua hopi aparentemente não contém palavras, formas gramaticais, construções ou expressões que se referem diretamente ao que entendemos como *tempo*, ou mesmo a passado, presente e futuro, ou à preservação/deterioração, ou ao movimento como cinemático, em vez de dinâmico (isto é, como translação contínua no espaço e no tempo, em detrimento de uma exibição do esforço dinâmico em um certo processo), ou até mesmo qualquer referência ao espaço como uma maneira de excluir esse elemento da extensão ou da existência que chamamos *tempo* e que, assim, por conseguinte, deixa um resíduo que poderia ser referido como *tempo*. Dessa forma, a língua hopi não conta com nenhuma referência ao *tempo*, explícita ou implícita.

Ao mesmo tempo, a língua hopi é capaz de narrar e de descrever corretamente,⁴ sendo pragmática ou operacional, todos os fenômenos do universo. Assim sendo, não vejo por que advogar que o pensamento hopi contém qualquer noção nem mesmo aproximada daquilo que

¹ Publicado originalmente no *International Journal of American Linguistics* em abril de 1950, seis anos após a morte do autor. O rascunho do texto foi entregue pela esposa de Whorf a G.L. Trager, que, com a ajuda de E.A. Kennard, o editou, sem fazer alterações substanciais ao original.

² N.T.: Doutorando em Estudos de Linguagem na Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES-REUNI e alocado no Laboratório Arquivos do Sujeito. Orientando de Vanise Gomes de Medeiros (FAPERJ). Filiado à Análise do Discurso de linha francesa (conforme concebida por Michel Pêcheux).

³ N.T.: Etnia indígena residente nos Estados Unidos da América — ou, mais corretamente, habitantes de parte do território em que os EUA se fixaram posteriormente.

⁴ N.T.: Notamos aqui um juízo de valor do próprio Whorf, que percebe a eficiência da língua hopi, mas a enquadra em termos de correção e incorreção lógicas.

supostamente vemos e percebemos intuitivamente como o fluxo do *tempo*. Também discordo daqueles que acreditam que a intuição do hopi cede a ele o tempo como um de seus dados. Assim como é possível existirem outras figuras geométricas díspares das propostas por Euclides — que ilustram perfeitamente as configurações espaciais —, também é viável que haja descrições do universo — todas igualmente válidas — que não contenham nossos conhecidos contrastes de tempo e espaço. O ponto de vista relativista da física moderna é uma visão que se dá de forma matemática, e a *Weltanschauung*⁵ dos hopi é outra, totalmente diferente, não matemática, mas linguística.

Daí a linguagem e a cultura dos hopi estarem munidas de uma *metafísica*, comparável à nossa tão conhecida e ingênua concepção de espaço e tempo, ou mesmo à teoria da relatividade — que, por sua vez, também difere tanto da metafísica hopi quanto da nossa. Para descrever a estrutura do universo de acordo com os hopis, é necessário tentar — na medida do possível — explicitar essa metafísica (embora apropriadamente descritível apenas na língua hopi), por meio de uma aproximação expressa em nossa própria língua (de certa forma inadequada, é verdade...) e de uma autoavaliação desses conceitos à medida que fomos trabalhando em relativa consonância com o *sistema* que subjaz à visão hopi do universo.

Nessa perspectiva hopi, o tempo desaparece e o espaço é modificado, não sendo mais o espaço anacrônico, homogêneo e instantâneo de nossas supostas intenções ou da mecânica newtoniana clássica. Ao mesmo tempo, novos conceitos e abstrações se agregam a esse imaginário, responsabilizando-se pela tarefa de descrever o universo sem fazer referência a tal tempo ou espaço — abstrações que a nossa língua não consegue expressar por carência de termos. Essas abstrações, por cujas aproximações tentamos nós mesmos reconstruir a metafísica hopi, indubitavelmente nos parecerão de caráter psicológico ou mesmo místico. São ideias que costumamos considerar parte ou parcela tanto daquilo que chamamos de crenças animistas ou vitalistas quanto daquelas unificações transcendentais de experiências e intuições de coisas invisíveis que são sentidas pela consciência dos místicos, ou que também são divulgadas em sistemas místicos (ou) ocultos (conforme são conhecidos) de pensamento. Tais abstrações são definitivamente notadas de forma explícita em palavras — termos psicológicos e metafísicos — na língua hopi, ou, mais ainda, estão implícitas na própria estrutura e na gramática da língua, assim como podem ser observadas na cultura e no comportamento hopis. Elas não são — até onde

⁵ N.T.: Em alemão, a palavra *Weltanschauung* significa visão de mundo, concepção de vida, modo de valores etc.

consigo evitar de forma consciente — projeções minhas de outros sistemas debruçados sobre a língua e a cultura hopis em uma tentativa de análise objetiva. No entanto, se o termo *místico* for, por acaso, abusivo aos olhos de um cientista ocidental moderno, deve ser enfatizado que essas abstrações e postulados subjacentes à metafísica hopi se originam de um ponto de vista distanciado e justificado pragmática e experimentalmente tanto quanto (ou mais, no caso dos hopis) ele mesmo encararia a nossa própria metafísica, se comparadas as noções de tempo fluido e espaço estático, que são, *au fond*, igualmente místicas. Os hopis dão o mesmo peso e valor a todos os fenômenos e suas inter-relações, e se prestam ainda melhor à integração da cultura hopi em todas as suas fases.

A METAFÍSICA PERTINENTE à nossa língua, pensamento e cultura moderna (não falo da diferente e recente relatividade metafísica das ciências modernas) impõe sobre o universo duas grandes FORMAS CÓSMICAS: espaço e tempo. Espaço estático, tridimensional, infinitivo; e tempo cinético, unidimensional, fluido uniforme e perpetuamente. São dois aspectos inconciliáveis e absolutamente desconectados da realidade (segundo esse conhecido modo de pensar). O domínio fluido do tempo é, contudo, sujeito a uma divisão triádica: passado, presente e futuro.

As formas cósmicas da metafísica hopi são comparáveis àquelas em escala e escopo. E quais são? Duas grandes forças cósmicas se impõem ao universo, e podemos chamá-las, numa primeira tentativa de aproximação terminológica, de *indiciada* e *indiciante* (ou *não indicada*) ou também, respectivamente, de OBJETIVA e SUBJETIVA. A força objetiva — ou indiciada — contém tudo aquilo que é ou já foi acessível aos sentidos, o universo físico-histórico, sem qualquer tentativa, de fato, de fazer distinções entre presente e passado, mas excluindo tudo aquilo que chamamos de futuro. A força subjetiva — ou indiciante — contém tudo que chamamos de futuro, *mas não se reduz apenas a isso*; ela inclui igual e indistintamente tudo que chamamos de mental — tudo que se afigura ou existe na mente ou, como os hopis preferem, no *coração*, e não apenas no do homem, mas também no coração dos animais, das plantas e das coisas, e tanto atrás quanto internamente a todas as formas e aparições da natureza no coração da natureza; no entanto, por acarretamento e extensão, mais de um antropólogo sentiu que um hopi nunca falaria dessa força subjetiva, de tão embaralhada e complexa que a ideia é, com suas implicações religiosas e maravilhamento mágico, no próprio coração do Cosmos.⁶ O domínio subjetivo (subjetivo de nosso ponto de vista,

⁶ Às vezes referem-se a essa ideia como o espírito da Respiração (*hikwsu*) e como a Coisa Poderosa (*'a'ne himu*), embora esses

mas extremamente real e vibrante de vida, poder e potência para os hopis) abarca não apenas nosso *futuro* — em grande parte mais ou menos predestinado em essência, embora não em sua forma exata, segundo os hopis —, mas também toda atividade mental, sabedoria e emoção, cuja essência e forma típicas são a luta do desejo intencional, inteligente em caráter, de se manifestar, de se indiciar — uma manifestação, um índice ao qual se resiste e se protela muito, mas que é, de uma forma ou de outra, inevitável. Esse é o domínio da espera, do desejo e da intenção, da vida em ânimo, das causas eficientes,⁷ do pensamento se pensando para fora de um domínio interior (o coração hopi) e tomando forma de manifestação, índice. Ele fica num estado dinâmico, embora ainda não esteja num estado de movimento — ele não está avançando em nossa direção proveniente do futuro, mas *já está em nós* de forma vital e mental, e sua dinâmica está em funcionamento no campo dos resultados, dos índices, das manifestações, isto é, está evoluindo gradativamente, sem se mover, da força subjetiva de forma a chegar a um resultado, que é a força subjetiva. Traduzindo para o inglês, os hopis diriam que essas entidades em processo de ocasionamento *will come* até eles ou que eles — os hopis — *will come* até elas,⁸ mas em sua própria língua, não há verbos que correspondam aos nossos *come* e *go* [*vir* e *ir*], que signifiquem movimentos simples e abstratos, que representem pura e simplesmente nosso conceito cinemático. Nesse caso, as palavras traduzidas como *come* [*ir* e *vir*, nesse caso] se referem ao processo de ocasionamento sem qualquer manifestação linguística que designe o movimento — eles são *ocorridos para cá* (*pew'i*) ou *ocorridos daqui* (*angqö*) ou *chegados* (*pitu*, com o plural *öki*), que se refere apenas à manifestação final, à chegada real a dado ponto, não a qualquer outro ponto entre a partida e o destino.

Esse domínio do subjetivo ou do processo de manifestação, distinto do objetivo, que é o resultado desse processo universal, inclui também — em sua fronteira, mas ainda sendo elemento de seu próprio domínio — o aspecto da existência que incluímos em nosso tempo presente. É um ponto que está começando a emergir em forma de manifestação; ou seja, algo que está começando a ser feito — como ir dormir ou iniciar um texto —, mas que ainda não está em plena operação. Esse momento pode ser, e normalmente é, expresso pela mesma forma verbal (a forma *expectativa*, conforme a terminologia que desenvolvi para a gramática hopi) que é comparável ao nosso futuro, ou às nossas modalizações das ações de desejar, querer, pretender etc. Assim, o

termos possam ter conotações mais breves e menos cósmicas, apesar de sempre fantásticas.

⁷ N.T.: Cf. conceito de *causa eficiente* em Aristóteles.

⁸ N.T.: Em português, preferiríamos as formas “virão” na primeira locução verbal em itálico e “irão” na segunda.

limite mais próximo da força subjetiva ultrapassa as fronteiras mas também inclui uma parte do nosso tempo presente; em outras palavras, o momento primordial do processo verbal. No entanto, a maior parte do que representa nosso tempo presente pertence, na perspectiva hopi, ao domínio objetivo, de forma a ser indistinto de nosso passado. Há também uma forma verbal, o *primordial*, que se refere ao limite da manifestação de forma inversa — como pertencente ao domínio objetivo, atuando como o limite em que se chega à objetividade; essa forma é usada para indicar o começo ou o início, e na maior parte dos casos não há diferença aparente entre a tradução do uso similar que se faz da forma verbal que chamei de *expectativa*. No entanto, em certos pontos cruciais, diferenças significativas e fundamentais surgem. A forma primordial, no que se refere ao domínio objetivo e no que tange ao resultado — diferentemente da forma *expectativa*, no que tange ao domínio subjetivo e aos ocasionamentos —, implica o estágio final do trabalho causativo/ocasionador na mesma medida em que demarca o início da manifestação. Se o verbo possui um sufixo que, até certo ponto, corresponde à nossa voz passiva, mas que na verdade significa que o ocasionamento interpela um sujeito para provocar determinado resultado — isto é, *o alimento está sendo comido* —, então a adição do sufixo *primordial*, feita de certo modo para se referir à ação básica, produz um sentido de término, estaque da ocasião, do acontecimento. A ação básica se localiza no estado primordial, sendo assim, qualquer ato envolvido com o ocasionamento está em vias de cessar; o ocasionamento, explicitamente marcado pelo seu sufixo, funciona, assim, como aquilo que NÓS chamaríamos de tempo passado. O verbo, assim, inclui o sufixo de ocasionamento, o primordial e o cessar do ocasionamento em seu estado final (um estado em que já se comeu, se consumiu, o alimento todo ou parcialmente) em apenas uma asserção. A tradução do ato representado por essa asserção em que o verbo é o protagonista seria: *algo para de estar sendo comido*.⁹ Sem um prévio conhecimento da metafísica hopi, que contamina a língua, seria impossível entender como um mesmo sufixo pode denotar tanto o início quanto o cessar da ação.

SE QUISÉSSEMOS APROXIMAR um pouco mais nossa terminologia metafísica dos termos hopis,

⁹ N.T.: Ressaltamos aqui a dificuldade, tanto do autor quanto do tradutor, de expressar as ideias contidas na base da língua hopi, uma vez que não apenas os aspectos verbais são diferentes dos conhecidos na língua portuguesa, na língua inglesa, nas línguas neolatinas e germânicas como um todo, mas também as perífrases verbais que devem ser construídas para explicar minimamente o sentido verbal. Elas acabam por parecer esdrúxulas nessas mesmas línguas. Se o leitor percebeu alguma dificuldade na compreensão dessas perífrases verbais, então provavelmente tanto o autor quanto o tradutor foram bem-sucedidos em seu ofício.

provavelmente deveríamos chamar o domínio subjetivo de domínio da *esperança* ou do *esperar*. Toda língua possui termos que acabaram por atingir um âmbito cósmico de referência, que cristalizam em si mesmos os postulados básicos de uma filosofia tácita, em que jaz o pensamento de um povo, de uma cultura, de uma civilização e até mesmo de uma era. Podemos citar algumas palavras em inglês que atestam esse fato. São elas: *reality, substance, matter, cause*, e, como temos visto ao longo deste ensaio, *space, time, past, present, future*.¹⁰ O termo hopi que responde a esse âmbito cósmico de referência é a palavra normalmente traduzida como *hope* [*esperar/esperança*]: *tunatya*. Ela significa que *algo está na ação de esperar, algo espera, espera-se por algo, algo se pensa ou é pensado com esperança* etc. A maioria das palavras metafísicas em hopi é formada por verbos, e não por substantivos, como acontece nas línguas europeias.¹¹ O verbo *tunatya* contém, em sua ideia de *esperar*, algo que também está presente em nossas palavras *pensamento, desejo* e *causa*, que às vezes devem ser usadas para traduzir *tunatya*. Essa palavra é, de fato, um termo que cristaliza a filosofia hopi do universo no que diz respeito ao enorme dualismo existente nele, entre os domínios objetivo e subjetivo; é também o termo que os hopis usam para definir o *subjetivo*.

Tunatya se refere ao estado do aspecto subjetivo, indiciante/não indicada, vital, ocasionador, provocador do cosmos, e também à atividade excitante que caminha em direção à fruição e à manifestação, com que esse aspecto vem a ebulir — numa ação de *esperar*, isto é, numa atividade mental-ocasionadora, que está sempre se esforçando para adentrar o domínio do indiciado. Qualquer um que conheça minimamente a sociedade hopi sabe que os hopis veem essa atividade florescente no crescimento das plantas, na formação das nuvens e em sua condensação em forma de chuva, no cuidadoso planejamento das atividades coletivas de agricultura e arquitetura, e em toda esperança, desejo, esforço e pensamento humanos. Mais especificamente, essa atividade florescente está concentrada na oração, na constante reza esperançosa da comunidade hopi, realizada em suas cerimônias coletivas exotéricas e com seus rituais secretos e esotérios que ocorrem nos salões subterrâneos chamados *kivas* — tal oração conduz a pressão da vontade e do

¹⁰ N.T.: O autor menciona diversas palavras, que podem ser traduzidas para o português como *realidade, substância, matéria, causa* — cujos sentidos, em inglês, também transladam para *acontecimento, ocasião* etc. —, *espaço, tempo, passado, presente, futuro*. São conforme podemos observar no texto, também palavras nocionais em português, que atestam uma certa “visão de mundo”, um certo “ponto de vista” — ainda que saibamos que os sentidos dessas palavras não estejam associados a sua substância, mas a sua materialidade. Em outras palavras, às condições de produção, à formação social, à formação ideológica em que tais palavras brotam. Assim, a palavra “espaço” pode significar diferentemente no Brasil e em Portugal, ainda que a organização das línguas faladas nos dois países seja parecida (o que muda é a ordem do discurso).

¹¹ N.T.: Vale a pena explicar que as palavras *metafísicas* de que Whorf fala não se confundem com aquilo que a gramática, em português e em outras tantas línguas, distinguirá entre substantivos concretos e substantivos abstratos.

pensamento coletivos hopis para fora do domínio subjetivo, encaminhando-os para o domínio objetivo. A forma linguística primordial do verbo *tunatya*, que é o *tunatyava*, não significa *começar a esperar/ter esperança*, mas mais propriamente *tornar-se verdade, poder estar no rol de expectativas*. O motivo lógico de a expressão ter esse sentido é esclarecido por aquilo que já dissemos anteriormente. A forma primordial denota a primeira aparição do objetivo, mas *tunatya* significa basicamente *atividade ou força subjetiva*; o primordial, assim, é o término de tal atividade. Bem pode ser dito, também, que a forma *tunatya*, com o significado de *tornar-se verdade*, é o termo hopi para o objetivo. Se a contrastarmos com o subjetivo, podemos concluir que os dois termos são simplesmente duas diferentes nuances flexionais da mesma raiz verbal: as duas formas cósmicas são os dois aspectos de uma mesma realidade.

EM RELAÇÃO AO ESPAÇO, pode-se dizer que o subjetivo é um domínio mental, um domínio carente de qualquer espaço — no sentido objetivo —, mas que parece estar simbolicamente relacionado à dimensão vertical, polarizando o zênite e o nadir, assim como o *coração/âmago* das coisas, que corresponde à palavra *interior*, em seu sentido metafórico. O subjetivo, assim, corresponde a cada ponto de nosso mundo subjetivo num eixo vertical (e vital) que se associa àquilo que chamamos de *fonte do futuro*. No entanto, não há, para os hopis, um tempo futuro; não há nada, no estado subjetivo, que corresponda às sequências e sucessões de acontecimentos emaranhadas com distâncias e configurações fisicamente alteradas que achamos no estado objetivo. A partir de cada eixo subjetivo — que pode ser considerado mais ou menos vertical e comparável ao crescimento relativamente retilíneo de uma planta —, estende-se o domínio objetivo em todas as direções físicas, embora essas direções sejam tipificadas mais especificamente pelo plano horizontal e seus quatro pontos cardeais. O objetivo é representado pela grande forma cósmica da extensão; ele incorpora todos os aspectos estritamente extensionais da existência, e inclui todos os intervalos e distâncias, todas as séries e números. Sua *distância* inclui o que chamamos de *tempo*, no sentido das relações temporais entre acontecimentos que já tomaram lugar. Os hopis concebem o tempo e o movimento como interiores ao domínio objetivo num sentido puramente operacional — são uma questão da complexidade e da magnitude das operações que conectam os acontecimentos —, e dessa forma o elemento *tempo* não se separa de qualquer elemento de *espaço* que interfira nessas operações. Por exemplo: dois acontecimentos no passado aconteceram muito longe *no tempo* (a língua hopi não possui nenhuma palavra que corresponda ao nosso *tempo*), quando muitos

movimentos físicos ocorrerem periodicamente entre eles, de forma a atravessar uma grande distância ou a provocar um enorme acúmulo de mudanças que se atestam fisicamente. A metafísica hopi não permite que alguém se pergunte se os objetos de um vilarejo distante existem no mesmo momento presente (contemporaneamente), em que os objetos de seu próprio vilarejo existem também: tal metafísica é francamente pragmática nesse quesito, e dita que quaisquer *acontecimentos* no vilarejo distante são comparáveis a quaisquer acontecimentos de seu próprio vilarejo apenas por um intervalo tão relevante que contenha tanto a forma de tempo quanto a forma de espaço em si. Acontecimentos que ocorrem a certa distância do observador só podem ser conhecidos objetivamente quando eles estão no *passado* (isto é, apresentados numa posição objetiva), e quão mais distantes em distância, mais no *passado* esses acontecimentos devem estar (mais apartados do lado subjetivo). Os hopis, com sua preferência por verbos — conforme comparada ao nosso próprio gosto por substantivos —, continuamente transformam asserções sobre coisas em asserções sobre acontecimentos. O que acontece em um vilarejo distante — se é algo real (objetivo), e não uma conjectura (subjetiva) — só pode ser conhecido *aqui* tempos depois. Se um acontecimento não ocorre *neste lugar*, ele não ocorre *neste momento*; se dá *naquele* lugar e *naquele* momento. Tanto o acontecimento *aqui* quanto o *lá* se situam no objetivo, e correspondem, em geral, ao nosso passado, mas o acontecimento *lá* é mais distante objetivamente, o que significa, do nosso ponto de vista, que ele está tão distante de nós no passado quanto está distante no espaço, mais do que o acontecimento *aqui*.

QUANDO O DOMÍNIO OBJETIVO — que exibe sua extensão, seu atributo mais característico — caminha no sentido de se afastar do observador em direção àquela distância incomensurável que está tanto longe no espaço quanto remotamente passada no tempo, chega um ponto em que a extensão, em seus detalhes, deixa de ser cognoscível e fica perdida na vasta distância, o mesmo ponto em que o subjetivo, rastejando-se nos bastidores — como sempre — se entrelaça com o objetivo. Dessa forma, a essa distância inconcebível do observador — de todo e qualquer observador —, passa a existir um término e um começo de todas as coisas que tudo engloba: é onde se poderia dizer que a existência propriamente dita engole, recobre o objetivo e o subjetivo. As fronteiras desse domínio são tanto subjetivas quanto objetivas. Ele representa o abismo da antiguidade, o tempo e o lugar de que se fala nos mitos, que são conhecidos apenas subjetivamente ou mentalmente —

os hopis percebem e até expressam em sua gramática que as coisas de que se fala nos mitos ou histórias não possuem a mesma forma de realidade ou validade que as coisas do dia presente, que as coisas relativas à prática hodierna. Quanto às longas distâncias até o céu e as estrelas, o que se sabe e se diz sobre elas é apenas hipotético, inferencial — assim, de certa forma, é um conhecimento subjetivo, alcançado mais por meio do eixo vertical interior e pela extremidade do zênite que por distâncias objetivas e pelos processos objetivos de visão e locomoção. Por esse motivo, o passado obscuro dos mitos é correspondente àquela distância que, na Terra (em detrimento de nos céus), é medida subjetivamente como um mito através do eixo vertical da realidade por meio da extremidade do nadir — portanto, está localizado *sob* a presente superfície da Terra, embora isso não signifique que o nadir (terra dos mitos originários) seja um buraco ou uma caverna, como talvez pudéssemos entender. Ele é, na verdade, o Palatkwapi *nas montanhas vermelhas*, um território como a nossa Terra contemporânea, mas que estaria localizado, em relação à nossa Terra, num céu distante dela — e, de modo similar, o céu de nossa Terra é invadido pelos heróis dos contos, que encontram um outro domínio terráqueo sobre o seu próprio domínio.

Agora podemos entender por que os hopis não precisam de termos que se refiram ao espaço e ao tempo conforme os entendemos. Por um lado, tais termos, em nossa língua,¹² são retomados em expressões de extensão, de atividade e em processos cíclicos caso se refiram ao domínio objetivo sólido. Por outro lado, são retomados em expressões de subjetividade se eles se referem ao domínio subjetivo — o período futuro, espiritual-mental, mítico, e também, mais genericamente, às distâncias invisíveis e às hipóteses. E é dessa forma que a língua hopi funciona perfeitamente sem tempos verbais.

¹² N.T.: Lembremos que a língua do artigo é o inglês, no entanto, poderíamos estender essa mesma conclusão à língua portuguesa, tentando simular a posição do autor neste texto, uma vez que ele fala, em outros momentos, de línguas europeias se opondo à língua hopi.